

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 91	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	6120	1 DE JULHO 1881	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados de seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-6-		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-5-	-6-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-6-		

PORTUGAL PITTORESCO



CINTRA — QUINTA DO MONTE CHRISTO (Desenho por Manuel de Macedo)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO. — Recordações de Madrid, MARIANO PINA — O dr. Crevaux, explorador da America Equatorial, G. L. — As nossas gravuras — O prestidigitador Miguel da Fonseca, G. L. — Congressos Anthropologico e Literario, trabalhos dos congressos, R. — Apontamentos para a vida do Diabo, DELPHIM DE ALMEIDA — Guerra do Pacifico, G. L. — Publicações.

GRAVURAS. — Portugal Pittoresco, Cintra, quinta do Monte Christo — Oliveira de Azemeis, Paços Municipaes — Caminhos de Ferro Portuguezes, Ponte sobre o rio D'Este no caminho de ferro do Porto à Povoia e Famalição — Recordações de Madrid — O dr. Crevaux, explorador da America Equatorial — O prestidigitador Miguel da Fonseca — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Muito calor, de dia; de noite muito vento e um cometa.

D'ahi doenças, com especialidade pneumonias, — uma má especialidade, devemos confessar, — e terrores de tristes presagios.

Apesar de termos a honra de estar no ultimo quartel do seculo XIX os cometas são ainda muito mal recebidos em Lisboa, por uma grande parte da população, que os toma por baledores de más noticias.

E parece que o grau de gravidade do perigo depende do lado d'onde elle vem, porque a muita gente, que ainda o não viu, mas que ouve fallar n'elle, temos ouvido perguntar de que banda vem.

No fim de tudo a população illetrada não faz mais nem menos do que fez o grande imperador Carlos V quando viu em 1556 apparecer aquelle celebre cometa, que lhe causou tanto terror e a quem deu o nome.

E quem sabe se esse cometa que apparece agora no nosso ceu será realmente o mesmo que teve a honra de assustar Carlos V?

Esse cometa ha muito tempo que se faz esperar nos observatorios astronomicos, porque desde que Newton descobriu que os planetas devem seguir as mesmas leis no ceu, que os planetas, com a differença das suas orbitas serem muito mais alongadas o que explica a sua longa ausencia, e desde que mais tarde Halley affirmou que os cometas de 1531, de 1607 e de 1682 eram o mesmo que devia completar a sua revolução dentro do periodo de 75 annos e meio — (o que Clairant e Solandé observaram ser exacto) — se está á espera d'esse grande cometa, e já o cometa de 1838, descoberto por Donati em Florença, creio eu, se julgou ser o mesmo.

Não era. Nem esse, nem o que em 1861 appareceu na constellação da grande Ursa, eram tambem como ao principio se cuidava o cometa de Carlos V, que se tem feito esperar como uma coquette.

Será este?

Parece tambem que não, pois Camillo Flammarion affirma que este cometa de quem recebemos agora a visita, é ainda muito mais celebre, é nem mais nem menos do que o cometa que foi visto em Roma no consulado d'Octavio, anno 73 A. C., que appareceu no 73 da nossa era, no quinto consulado de Tito, e que visitou a Judéa no tempo do nascimento de Christo, e a que a tradição chamou a estrella dos Reis Magos.

Temos portanto no céo a verdadeira estrella que temos por ali visto em papelão, em todos os prezepios, e a população ignorante olha-a espantada, um tanto amedrontada, tendo sempre seu pudor de o mostrar, mas lembrando-se das prophcias que fez o astrologo da America, e o tal italiano do seculo XV, prophcias que os jornaes teem dado agora, e que annunciam o desmanchar da feira d'este mundo para o mez de novembro proximo.

Estas prophcias fazem-me lembrar sobre tudo pela sua minuciosidade, pela ordem do espectáculo tão perfeitamente detalhada, a his-

toria d'aquelle barbeiro que tambem vaticinava o fim do mundo e que dizia a um freguez a quem estava escanhoando.

— Meu amigo, isto está a acabar.

— Prouvera a Deus, que já estou cansado de estar assim com a cabeça.

— Não é isso; não é a sua barba que está a acabar, é o mundo.

— Ah! o mundo! Muito me conta.

— Sim senhor; olhe, no primeiro dia morrem todos os animaes, no segundo seccam os rios, no terceiro morrem todos os homens.

— Oh! demonio!

— Ah! já tem medo?

— Não é isso, é que não sei quem me ha de fazer a barba no segundo dia.

— Entretanto o cometa não tem conseguido tirar a concorrência á companhia d'opera comica do Porto que funciona agora nos Recreios.

Veiu em má epocha, o cometa, e devia ter esperado que a companhia se fosse embora.

Ella é que veiu em boa epocha; cahiu em graça o que segundo dizem os rifões vale mais do que ser engraçado.

Mas... ella tambem o é. Tem artistas de merecimento e sobretudo tem para o nosso publico a vantagem de ser novidade.

Isto de a gente ir a um theatro e ver tudo caras novas é uma sensação estranha e agradável.

E' por isso que em S. Carlos não ha artista, por melhor que seja que resista a terceira re-condução.

Sobretudo o que Lisboa quer é variedade: variar, variar ainda mesmo que seja para peor, é o seu maior prazer.

Esta companhia é a primeira companhia da provincia, que vem representar á capital.

O publico cheio de curiosidade encheu o theatro na primeira noite. Gostou e volta lá todas as noites. Gostou porque a companhia é geralmente boa e tem duas ou tres figuras que são mesmo excellentes, mas gostou tambem muito porque é uma companhia nova, de caras que nunca tinha visto, o que o veio distrahir d'aquellas que vê desde que se entende, ou antes desde pequeno, o que exprime com muito mais clareza o meu pensamento, porque lá o entender-se, não sei ainda se chegou já esse momento.

— A respeito de Bellas Artes somos forçados hoje a fazer uma rectificação á noticia dos artistas portuguezes premiados em Madrid, que demos na nossa ultima chronica, e que deram tambem quasi todos os jornaes de Lisboa.

Os artistas portuguezes premiados na exposição de Madrid foram simplesmente o sr. Soares dos Reis, esculptor portuense, com a medalha extraordinaria, e o sr. Monteiro e Gaspar architectos, e o sr. Nunes pelas suas gravuras a talho doce.

— Ao fecharmos esta chronica chegou-nos pelo correio uma noticia tristissima, a noticia da morte do sr. Osorio de Vasconcellos, um rapaz de grande talento e de excellentes qualidades, que succumbiu finalmente á terrivel doença que ha mais de um anno o trazia afastado do jornalismo de que era um dos mais illustrados membros, e da politica de que era um dos mais entusiastas e vigorosos luctadores.

Osorio de Vasconcellos começou a sua vida litteraria pelo mesmo tempo de Pinheiro Chagas, escrevendo folhetins scientificos na *Gazeta de Portugal* onde Chagas escreveu os seus brilhantes folhetins politicos e litterarios que tão profunda sensação fizeram em Portugal.

Ha pouco tempo estivemos ainda com elle, e achamol-o muito melhor. Partiu para a provincia á procura de mais melhoras. As ultimas noticias diziam que as tinha obtido e rapidas. Teve-as effectivamente, mas essas melhoras eram aquellas a que o povo chama lugubremmente a visita da saude. Logo atraz d'essa noticia veio-nos a noticia da sua morte...

Osorio de Vasconcellos era um rapaz fortissimo, d'uma robustez excepcional. Em pouco tempo a doença metamorphoseou-o completamente. Estava ainda na força da idade, e havia ainda a esperar muito do seu talento e das suas raras aptidões. Essas esperanças despe-

daçaram-se diante d'um caixão. Que descance em paz!

GERVASIO LOBATO.

RECORDAÇÕES DE MADRID

O OCCIDENTE publica n'este numero uma phantasia de Madrid, devida ao distincto paysagista Monteiro Ramalho. São pequenos *croquis* tirados *d'après nature* e em que um lapis feliz desenhou com fidelidade: o aspecto da capital hespanhola, vista de Getafe; um trecho da *Armeria*, o importante museu militar de que tanto se ufana a Hespanha; um trecho da entrada do *Prado*; o *Buen Retiro*, com o seu lago — o passeio da moda, onde a sociedade madrilena passa alegremente as suas tardes; o monumento do *Dos de Mayo*, erigido no Prado; a fachada principal do Palacio do *Indo*, onde se realizou a exposição de pintura de 1881; e outros desenhos profundamente hespanhoes, como o *abanico*, a pandeirêta, as castanholas.

As castanholas, sobretudo, teem um tom tão particular, caracterisam tanto a Hespanha, que eu francamente, não as acompanhei d'um ponto de exclamação, para que me não taxassem de exagerado.

Sim, de exagerado! Entre nós, quando alguém vae ao estrangeiro e volta entusiasmado por esta ou aquella novidade que encontrou, dizem logo, n'um tom d'animal desdenhoso — *é pose!* Compara-se este adiantamento com este nosso retrocesso — *é pose!* Lamenta-se que Lisboa não tenha isto que tão facilmente se organisa lá fóra — *é pose!* Diz-se aos nossos homens do hyppodromo, do caffè, do gremio: vocês vestem mal, ou andam mal, ou são exagerados, ou são mesquinhos — *é pose!* Diz-se ás nossas damas do domingo no Passeio, que as suas *toilettes* não são do melhor gosto, que os seus penteados devem ser mais simples e mais elegantes, que um vestido não prima por possuir 3.437:620,0031 de laços — *é pose!* Sempre, sempre! e sempre a *pose*...

E' por tudo isto que eu não porei, oh! nunca! um ponto de exclamação diante d'essa palavra que sob a nossa vista nos recorda immediatamente o som vivissimo do instrumento mais alegre e mais jovial que a Europa possui, talvez!

Mas vamos ao que importa — a Madrid. Uma das coisas que mais desejava encontrar na minha viagem eram... mulheres! Sim! mulheres! — e padres como o typo do D. Basilio, e leques, e castanholas, e pandeirêtas, e mantilhas. Visto isto, está vista a Hespanha.

As mulheres que eu vi eram deliciosas. Por cada vinte, dezenove eram fatalmente bellas. Chegava a encomodar á nossa parcimonia de formosuras, tanto rosto bonito, tanto rosto branco e suave, onde uma iris negra scintilla com o vigor de um diamante, e onde uma bocca côr de granada sorri, no seu sorriso vermelho, humido, vagamente sensual.

O primeiro cura divisei-o da janella do meu wagon. Estavamos proximos de Mérida. Do campo vasto vinha apenas a scintillação secca e amarellada, de muitas cearas maduras. Um sol ardente, de matar pardaes, caia sobre as planicies, abrazando-as. Montanhas escavadas limitavam o horizonte inflamado; e na tonalidade geral d'uns campos tristes e recolhidos, eu vi, saccudido pelo choito de uma mula, a figura esguia, negra e comica d'um pallido D. Bazilio. Involuntariamente, pelo meu espirito perpassou S. Carlos, n'uma noite de representação do *Barbeiro de Sevilha*. Como é de crer, corri a socco semelhante phantasma!

A primeira mantilha, essa via-a, nem eu sei onde! Eu já conhecia a mantilha de Lisboa, mas um objecto typico, tirado do seu logar proprio, perde tanto de valor! Passa a ser um monstrosinho que se admira, como admiravamos em creança o Leão da Estrella, encerrado na sua jaula. A mantilha deve vêr-se em Hes-

panha. Em Portugal fere-nos tanto a vista, como um judeu que passa pela rua da Bitesga, no meio da admiração pasmada da população.

Na pequenina cabeça de uma hespanhola, a mantilha palpita com um encanto extraordinário. Torna-a agil, leve, encantadora; e quando o vento a agita e as suas rendas caras veem bater na testa arqueada da rapariga que a traz, o seu rosto oval inunda-se d'uma graça fina e delicada, e a mulher ou ha de ser adoravel — ou então é um monstro. A mantilha n'uns quinze annos é um encanto; em meio seculo é um crime!

Não posso deixar de lhes dar uma bella phrase de Theophile Gautier ácerca da mantilha. Que o mestre do buril em litteratura auxilie as minhas asserções:

«Com uma mantilha, é preciso que uma mulher seja horrenda como as tres virtudes theologaes, para não parecer bonita!»

Havia, porém, um desejo que eu ainda não tinha satisfeito, estando já havia oito dias em Madrid. Ás vezes perdia-me pelas ruas da capital, as ruas escuras e tortuosas, onde se vê no fundo, n'um buraco de sombra, brilhar a lanterna dos *serenos*. Parava defronte dos predios illuminados onde ouvia rumores de conversações — e nada! Escutava! escutava! e a minh'alma triste cobria-se d'um desespero afflicto e luctuoso. Entrava n'outras ruas, nas ruas mais affastadas, onde se sentisse a vida das classes populares, e nada, e tambem nada! Recolhia ás tres e quatro horas da manhã, sem ter sequer ouvido um estalo, um rufo!

Triste condição a minha!...

Pois hei de sair de terras d'Hespanha, sem um rufo? sem um estalo?! Sentia que me inundava de um grande choro afflicto e maguado, como o gemido de uma pomba ferida! Coitadinho de mim! An! an! an! an!... berravam algumas creanças nos quartos proximos. E eu involuntariamente, com o meu travesseiro, tambem, an! an! an-annn!

Uma noite, porém, levaram-me para o café Flamengo. Apenas entrei no corredor que conduzia á sala do espectáculo, uma musica divina veiu subtilmente cantar-me aos ouvidos, e senti, oh! Deus do ceu! senti que se me abriam as portas do paraíso, de par em par, como aquelles portões fidalgos que se abrem respeitosa e reverentemente, para o *landau* do sr. conde entrar, e onde o sr. conde, reclinado, chupa uma deliciosa cigarrilha...

Em menos de tres segundos encontro-me assistindo a um dos mais bellos espectaculos que um rapaz pôde gozar.

O café Flamengo tem as proporções do nosso fallecido *Casino*. A sala é toda cheia de cadeiras salpicadas aqui e ali de mezas de marmore, onde os creados servem os *azucarillos*, e os *helados*. Ao fundo da sala vê-se um pequeno palco, onde um grupo de bandurristas toca varias musicas hespanholas.

Mas os espectadores, de chapéu, fumando livremente, sem se preocuparem com as damas que frequentam a galeria dos camarotes, nenhum caso fazem do theatro, e tem as cadeiras, voltadas para a parede da direita, onde um estrado se ergue, e onde se veem seis bonitas *chulas* que vão cantar e dançar.

Como as de todas as mulheres hespanholas, as suas faces estão polvilhadas de pó d'arroz, mas isto em nada prejudica os seus rostos bonitos e frescos; e as suas cabeças nuas, primorosamente penteadas, são de uma esculptura elegante e sympathica.

Junto das seis raparigas estão: um tocador de guitarra, um habil tocador, a quem o publico applaude vigorosamente; um velhote gordo e nédio, vestido de toureiro, que ha-de ir cantar tambem alguma cantiga do seu paiz natal; e dois rapazitos, de jaleca preta e cinta de setim escarlate que cantam e dançam primorosamente.

Os acompanhamentos são feitos pelas raparigas, que batem as palmas, e variam depois para a castanhola e para a pandeirêta.

Terminada a primeira *malagueña* deve seguir-se um bailado. A multidão ruidosa de exclamações, de berros, de gritos, de applausos, ergue-se a uma voz, volta-se para um camarote, e de chapéu na mão, brada furiosamente:

— *Que venga la sevillana! la sevillana!*

Uma rapariga franzina e alta levanta-se da sua cadeira, desce a escada dos camarotes, e é aclamada ruidosamente pelo publico. Tem o typo de uma educanda; o quer que seja de um cerebrosinho que ainda pouco comprehende o mundo. A malicia nunca lhe penetrou a carne; o mundanismo ainda a não atacou. E' um cofre intacto! A sua cabeça castanha é suave, e é doce. No seu olhar ha uma vaporosidade mystica. Devia servir a Murillo. Dir-se-ia uma virgem medrosa, caído n'um mundo estranho. Para exemplo: um europeu no meio de um grupo de antropophagos!

Mas o tocador faz ouvir as primeiras notas vivas e quentes. Começam as chulas n'uma vaga cadencia de palmas. A sevillana cerra as palpebras, como que afundando-se n'uma doce *réverie*. Ergue-as de novo. O seu olhar é outro. Ha na sua iris, até ha pouco casta e mansa, uma vaga scintillação de diabinho. E' um anjo que está pedindo chavelhos d'ouro!

O seu corpo balança-se suavemente ao rythmo da musica. Sente-se o desfrir d'uma *habanera*. Pouco a pouco o seu corpo vibra e ondula com mais força. Os seus braços erguem-se e arqueiam-se. Das suas mãos brancas, dos seus compridos dedos esfuseados, suspendem-se umas castanholas de ebano. Sobre a madeira negra as suas bonitas unhas ostentam um brilho de agatha, e um vivo côr-de-rosa! O seu corpo pende um pouco para traz, languidamente. A sua cabeça descae ainda mais. Parece que vac adormecer. Chega a uma posição em que o equilibrio desaparece, a sevillana vae cair, mas o ebano estala nos seus dedos, o seu corpo tem uma vibração de panthera; o seu rosto é outro, o seu olhar é um olhar estranho, de demonio divinizado; toda ella é um vinho subtil que embriaga, um elixir estranho que endoidece!

Estalam com mais força as castanholas, rufam as pandeirêtas e gemem as guitarras.

— *Eh! sevillana! eh!*

Ha exclamações, grunhidos, uivos! O publico delira, a sevillana sorri como um diabo malicioso e mau, o seu todo de vibora contorce-se com a musica, e fervem e refervem as garrafas de *manzanilla*, para exaltar ainda mais a gentil rapariga.

As carnes palpitam, os cerebros desvairam; e só então, depois de uma tourada, se pôde comprehender o que é Madrid, no que ella tem de mais hespanhol nas suas veias já um pouco viciadas pela transfusão do sangue parisiense...

N'um artigo tão rapido torna-se impossivel o poder-lhes dar uma pequena idéa do que seja o *Prado*, o *Buen Retiro*, o monumento do *Dos de Mayo*, a *Armeria*, ou o palacio do *Indo*.

O que eu lhes não posso contar, mostra-lhes o lapis de Antonio Ramalho. Ainda assim, duas palavras, sobre a exposição, para concluir.

O desenho mostra-lhes a entrada principal. Pois bem, entremos para lhes dizer, que n'este *Salon* havia nada menos de 825 objectos de arte. N'um mez era pois impossivel analysar um por um. Mas vistos os grandes auctores contemporaneos comprehende-se immediatamente que Hespanha possui bons pintores historicos, que produzem bellos quadros de composição. Prendiam-nos pela força da originalidade e da concepção: a *Flora* e a *Lenda do Rei Monge* de Casado; a *Penha dos namorados* de Martinez del Ricon; o *Othelo* e *Desdemona* de Muñoz Degrain; o *Novus-Ortus* de Sala, um fresco primoroso; a *Ondina* de Irueta; *Numancia* de Vera; e outros quadros que agora me não occorrem.

A *paysagem*, porém, era fraca, e a Hespanha francamente ainda está longe de comprehender este genero de pintura que em França progride assombrosamente. Os seus *paysagis-*

tas abusam do azul, do verde, do amarello, do encarnado, a ponto de nos darem as telas mais ardentes e mais extravagantes de colorido.

A sua esculptura é fraquissima. Na secção respectiva encontram-se tão sómente bustos em *terre-cuite*, estatuetas em gesso, excessivamente amaneiradas. Notarei comtudo os trabalhos de Campeny, de Diaz y Sanchez, de Exta, de Font, e poucos mais.

N'esta exposição occupavam um logar distincto os quadros de Silva Porto, de Arthur Loureiro, de Antonio Ramalho, sobresaindo notavelmente na secção d'esculptura os trabalhos de Soares dos Reis e de Simões de Almeida.

Para os que só veem em nós decadencia, recommendo-lhes a exposição do *Indo* para poderem avaliar o papel distincto que ali desempenhava a arte portugueza.

MARIANO PINA.

O DR. CREVAUX

EXPLORADOR DA AMERICA EQUATORIAL

O OCCIDENTE dá hoje o retrato do dr. Crevaux, notavel explorador francez, que acaba de chegar da Colombia, onde marcou um traçado de 850 leguas de cursos de rios, 425 das quaes em regiões até hoje desconhecidas.

O dr. Crevaux, medico da marinha franceza, partiu de Saint-Nasaire para esta sua terceira viagem de exploração, em 6 de agosto de 1880, acompanhado por um preto Boni, chamado Apaton; por um pharmaceutico de marinha, Le Janne; e por um marinheiro de Nantes, Francisco Burban, o unico que não voltou da expedição, pois morreu das picadas de uma arraia, na descida do rio Orenoco.

A expedição chegou no dia 26 do mesmo mez a Savanilla, á embocadura do rio Magdalena, na Colombia.

A navegação d'este rio, que corre por entre as cordilheiras, no meio de margens pittorescas, onde se veem todas as riquezas varios da flora tropical, é facil até Honda; ali o rio, ou se alarga a ponto de não ter a profundidade sufficiente para a navegação de um barco, ou então aperta-se entre rochas escarpadas, entre gigantescas e sombrias massas de pedras, tornando-se quasi impraticavel.

O dr. Crevaux e a sua gente afastaram-se do Magdalena, em Neiva, ao pé da cordilheira oriental, e dirigiram-se para a Colombia, pequena aldeia pertencente á Companhia exploradora das quinas, para atravessar a cadeia das montanhas n'uma garganta rebaixada a 1:900 metros, e procurar na vertente as origens do Guaviara, um dos maiores afluentes do Orenoco, fim principal da expedição. A vertente era toda coberta de uma vasta floresta, onde predominam as arvores da quina. Não havia vestigios de passos de homem n'aquella vegetação impenetravel; começara a entranhar-se por ella, a grande custo, d'ali a pouco principiarão a vêr alguns fios de agua correndo por entre as arvores, e finalmente no dia 20 de outubro, uma clareira do bosque permittiu-lhes descobrir o rio tão procurado, e ao qual o dr. Crevaux baptizou logo com o nome de *Rio Lesseps*.

Para construírem uma jangada e uma canôa, em que podessem descer o rio, os exploradores alojaram-se na primeira noite n'uma cabana, construída antigamente pelos indigenas, que iam á busca da quina; mas no dia immediato, ao amanhecer, foram acordados por um rugido medonho, e, com grande surpresa, viram surgir junto d'elles, a cabeça gigante de um enorme tigre, o habitante da cabana, que olhava muito espantado para os seus novos hospedes.

Os exploradores prepararam-se logo para receber, pouco amavelmente, o dono da casa em que tinham achado hospitalidade, mas este, ao contrario, foi mais delicado que os europeus, e afastou-se lentamente para a floresta sem lhes fazer mal algum.

Em vista d'esta bizzarria do tigre, o dr. Crevaux ordenou que o deixassem ir em paz e não lhe deram caça.

A descida do rio Lesseps foi cheia de peripécias; o rio é de uma navegação difficilissima e perigosa, cheia de saltos e de quedas d'agua: a jangada dos exploradores sossobrou, a canôa arrombou-se, e finalmente, no dia 9 de novembro, a pequena expedição chegou ao Guaviara depois de percorrer 150 leguas, sem ter encontrado um unico ser humano.

Chegados ao Guaviara, fizeram uma rapida excursão ao *Aré-aré*, rio consideravel que desemboca no rio Lesseps, descendo em seguida, e sem encontrar embarcações, o Guaviara até ao Orenoco, onde chegaram a 28 de dezembro. Os exploradores separaram-se ali. Le Janne regressou logo para Paris, e o dr. Crevaux demorou-se no Delta do Orenoco, fazendo importantes estudos anthropologicos sobre os *Guaravanos*, que o habitam, populações curiosissimas que vivem n'um solo pantanoso, em cabanas edificadas sobre estacas, e que não podendo enterrar os seus mortos, os embrulham em barro molle, coberto com folhas de palmeira, e penduram nos troncos das arvores, ou n'uns cavalletes sustentados por compridas varas.

O dr. Crevaux chegou ha pouco a Paris, e fez uma conferencia interessantissima na Sorbonne, conferencia que foi resumida por Charles Velain, cujo artigo nos serviu de base para estas ligeiras notas.

G. L.



OLIVEIRA D'AZEMEIS — PAÇOS MUNICIPAES (Segundo uma photographia)

AS NOSSAS GRAVURAS

A QUINTA DE MONTE CHRISTO EM CINTRA

É uma das mais formosas vivendas de Cintra, a famosa quinta conhecida pelo nome de *Quinta do Monte Christo*, de que damos hoje em gravura um dos mais encantadores sitios, a ponte sobre o lago.

A quinta é muito grande, cheia de arvores frondosas, de bosques deliciosos, n'uma grande orgia de verdura e de vegetação.

O palacio, um *chalet*, em estylo confuso, onde predomina a architectura mourisca, fica quasi á beira da estrada, da qual o separa apenas um bonito parque gradeado, no caminho de Seteas, de frente da quinta do sr. barão da Regaleira.

O panorama que se desfruta do palacio e da quinta do *Monte Christo*, é delicioso.

Esta magnifica vivenda é hoje propriedade da ex.^{ma} sr.^a D. Capitolina Vianna Pinto da Fonseca, viuva do abastado capitalista o sr. Antonio Pinto da Fonseca.

O nome de *Monte Christo* vem-lhe do sr. Pinto da Fonseca (Manuel), que chegando do Brazil a Lisboa com uma riqueza colossal, no tempo em que o *Conde de Monte Christo*, de Dumas pae, tinha a voga que ultimamente teve o *Rocambole*, recebem a alcunha de *Monte Christo*, o nome tomado por Edmund Dantés, depois da descoberta do seu thesouro.

PAÇOS MUNICIPAES
DE
OLIVEIRA D'AZEMEIS

A casa dos paços do concelho de Oliveira d'Azemeis.

meis, que hoje reproduzimos nas nossas gravuras, começou-se a construir em dezembro de 1844, no lugar onde havia um predio pertencente ao monteiro-mór, Manuel Antonio Mendes, que a camara de Oliveira d'Azemeis comprou. As obras foram suspensas em 1846, por causa dos acontecimentos politicos, continuando depois por arrematação, concluíram-se em janeiro de 1850, mez em que a camara e a administração começaram a funcionar, indo

em janeiro de 1851, juntar-se-lhe no mesmo edificio, o tribunal de justiça.

O edificio tem quatro faces, mas a desigualdade da area em que se acha collocado, faz com que em duas das faces tenha tres andares e nas outras duas dois, o que, contudo, não lhe tira o seu magestoso e bello aspecto, sendo com certeza a melhor casa da camara do districto.

No cimo do edificio, vêm-se as armas do reino, olhando para o sul da villa, collocado entre duas linhas, uma que segue a estrada real, outra a da praça dos Valles.

A casa é ampla, e além de conter em separado os tribunales judiciaes e administrativo, a sala das sessões da camara e repartição de fazenda, tem ainda varios compartimentos para residencia dos empregados subalternos.

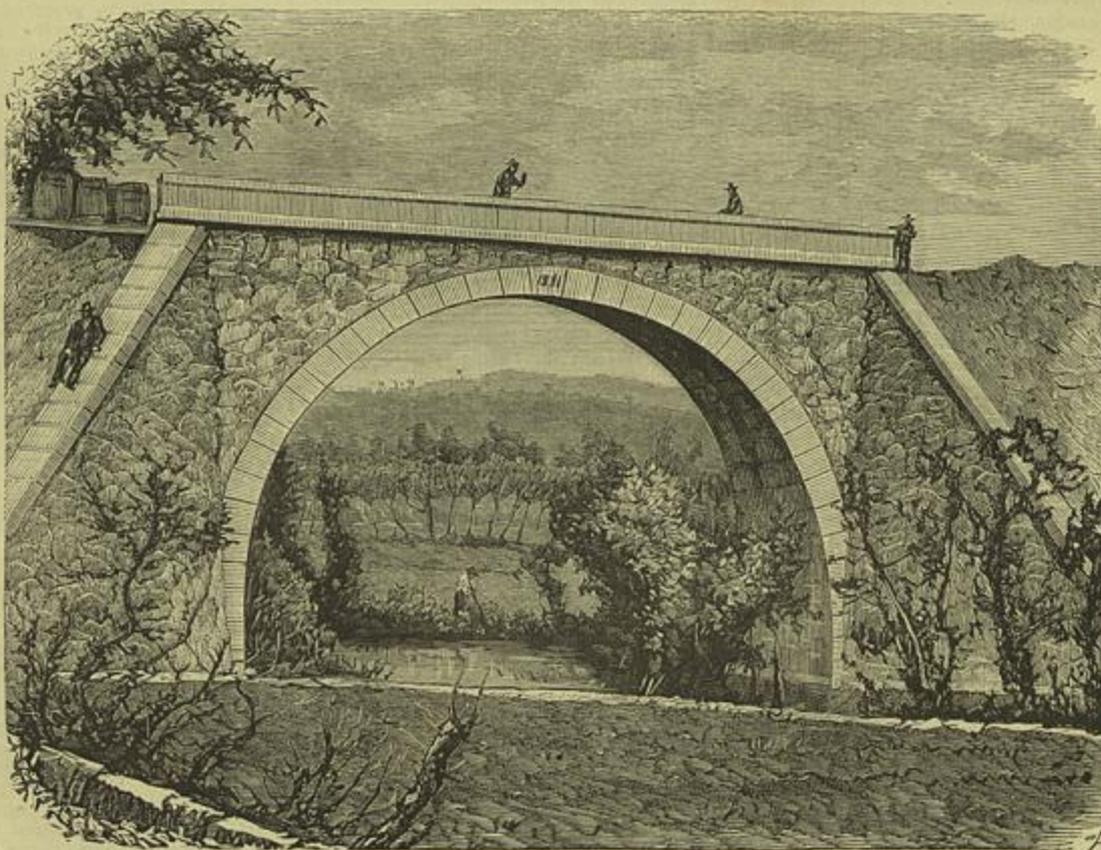
Nos aposentos inferiores do edificio ficam as prisões, em optimas condições hygienicas, a casa do carcereiro e sala livre.

No tribunal de justiça ha ao fundo a tribuna do juiz, sobre um estrado de tres degraus, e tendo por cima, na parede, o retrato a oleo d'el-rei D. Pedro v, entre cortinas de seda carmezim, encimadas por uma sanefa dourada. A' direita, sobre um supedaneo, está collocada a cadeira do ministerio publico e a bancada dos advogados, e á esquerda a cadeira do contador do juizo e a bancada dos jurados. Este recinto é separado do resto da sala por uma tã de balaustrada, de bem acabada mão d'obra.

Na sala das sessões da camara, eleva-se ao fundo um estrado onde estão as cadeiras, ricamente estofadas, da vereação, e separadas do recinto do publico por uma bella balaustrada.

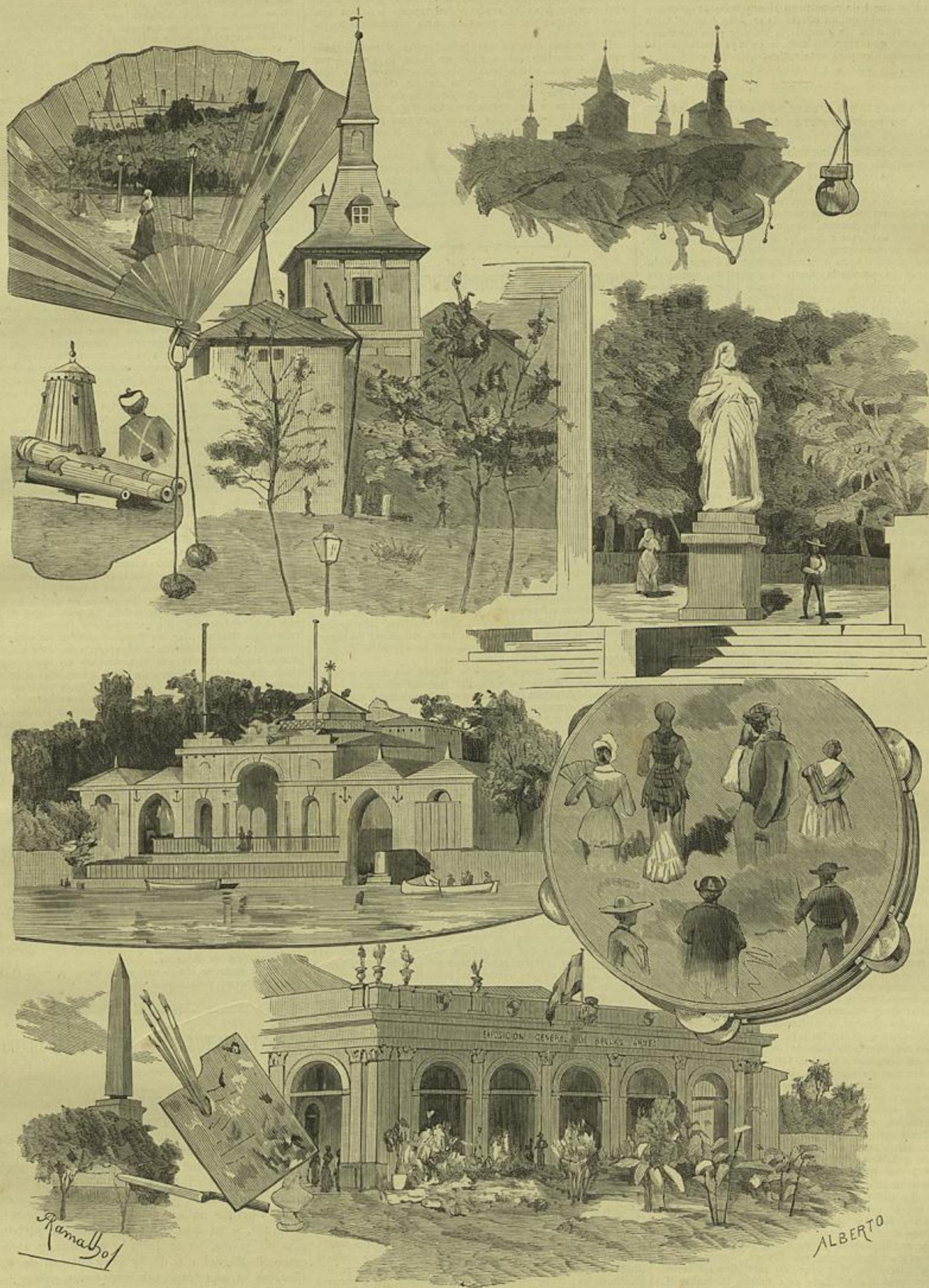
Sobre a cadeira do pre-

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES



PONTE SOBRE O RIO D'ESTE NO CAMINHO DE FERRO DO PORTO Á POVOA E FAMILIÇÃO

(Segundo uma phototypia de Oscar Grim Braga)



RECORDAÇÕES DE MADRID (Desenho original por Antonio Ramalho)

sidente estava primitivamente o retrato da rainha a sr.^a D. Maria II, e hoje está o de el-rei D. Luiz, sob um docel de seda encarnada.

Em fevereiro de 1864 mandou a camara plantar no largo, em frente do edificio, as australias que se vêem na nossa gravura, e que hoje constituem já um bello arvoredor.

Devemos á esbaquiosa offerta do sr. João José da Silva Praça, de Oliveira de Azemeis, a photographia dos Paços Municipaes, que reproduzimos, e os apontamentos que serviram de base para este artigo.

PONTE SOBRE O RIO D'ESTE NO CAMINHO DE FERRO DO PORTO Á PVOVA E FAMILIÃO

O rio ou ribeira d'Este vem de Braga atravez de um dos valles mais pittorescos do Minho junta-se ao Ave cossa de uma legua acima da foz. A pequena inclinação do valle e successivos açudes de engenhos de moagem e serração de madeira, fazem com que as suas aguas não se esgotem ainda nos tempos de maior estiagem; e a amplitude das varzeas marginaes intensamente cultivadas, como toda esta região do Minho, dão ás cheias do D'Este no inverno proporções consideraveis.

O caminho de ferro que vae do Porto á Povoá e d'ahi se interna na provincia direita a FAMILIÃO, segue em parte do traçado da sua ultima secção aberta ao publico em 15 de junho ultimo, o valle do D'Este. Esta linha de que o OCCIDENTE já tem dado mais de uma illustração acha-se portanto terminada na sua primeira parte. A companhia conta prolongar-a para leste indo por Guimarães e Fafe a Tras-os-Montes; e já para isso tem entabuladas negociações com o governo e um ante-projecto approvedo.

A linha do Porto á Povoá e FAMILIÃO é o unico ensaio da bitola reduzida em Portugal. A largura da via é de 3.90. A ponte do nosso numero de hoje é a obra mais consideravel da secção recentemente concluida, e que segundo informações authenticas tem movimentos de terra tão relativamente consideraveis que excedem 10 metros cubicos por metro corrente de linha. O seu custo porém não passou de 9 contos de réis por kilometro, incluindo todas as verbas de construcção, preço que depõe eloquentemente a favor de um systema de linhas de que o paiz tem tudo a esperar com respeito a progressos da viação a vapór.

O D'Este, além de ser atravessado pela ponte da estrada da Povoá a Guimarães é junto a Braga passado tambem pelo caminho de ferro do Minho em uma ponte metallica. A da nossa gravura, como o leitor vê é inteiramente de pedra, n'um arco de volta inteira com a abertura de 14 metros. A maxima altura, do alvão do rio é de 12 metros a largura de 4 metros. Os muros d'ala dos encontros sustentam os extensos aterros das duas margens e ao longo dos quaes a juzante da ponte corre um muro de suporte de 4 metros de alto e 120 de extensão.

A ponte, bem como toda a secção e suas obras, foi approveda poucos dias antes da abertura á exploração pela commissão de engenheiros nomeada pelo governo para esse fim.

O PRESTIDIGITADOR MIGUEL DA FONSECA

O OCCIDENTE publica hoje o retrato de um portuguez que no seu ramo é realmente uma celebridade gloriosa. N'essa arte em que Hermann conquistou um nome universal — a prestidigitação, Miguel da Fonseca soube fazer-se uma reputação notavel, celebrada não só em Portugal, onde é o primeiro, mas em muitos paizes da Europa e da America, onde tem feito sensação e alcançado enorme successo.

Miguel da Fonseca é filho do commendador Antonio dos Santos Fonseca, que foi guarda mór de saúde e presidente de Almada, e nasceu em Lisboa em 1830, tendo por conseguinte hoje 51 annos.

A sua familia dirigiu-lhe a educação para a carreira das letras, mas reveses da fortuna obrigaram-no a mudar de rumo, a procurar uma vida mais pratica, mais positiva, que lhe fornecesse logo os meios de subsistencia, que começavam a faltar-lhe, e em 1864 Miguel da Fonseca, tendo apenas 16 annos de idade, sentou praça de voluntario em infantaria 16.

Desde então começou a dedicar-se ao estudo da physica e da chimica applicadas á prestidigitação. Em 1860, depois de ter estudado durante longos annos, aturadamente, uma arte, que a maioria toma simplesmente como uma curiosidade de sala, um talento de sociedade, deu a sua primeira sessão publica de magia e prestidigitação no theatro do Gymnasio.

O publico applaudiu-o ruidosamente; em 1864 foi a Cintra trabalhar diante d'el-rei, que apreciou muito as suas difficeis sortes, feitas com a maior nitidez e desembaraço, como raros prestidigitadores estrangeiros que tem vindo a Lisboa, são capazes de fazer.

Em 1867 deu baixa do serviço militar, para se dedicar exclusivamente á sua arte, a que tinha tanto amor, e que já lhe tinha dado tanta gloria.

Então correu varias provincias do reino, foi ás ilhas, e por toda a parte o acolheram os mais vivos e unanimes applausos.

Dos Açores, Miguel da Fonseca seguiu para o estrangeiro; esteve em Inglaterra, em França, correu toda a Hespanha, trouxe de lá a cruz de cavalleiro de Izabel a Catholica, que lhe foi dada pela rainha D. Izabel II.

De volta a Portugal pouco tempo se demorou cá. Em 1876 partiu para uma larga digressão artistica de que regressou agora cheio de applausos e de gloria tendo corrido com um exito extraordinario a America, a Africa, a Europa, colhendo evações successivas em New York,

Buenos Ayres, Montevideo, Gibraltar, Marrocos, Tanger, Tetuan, Paris, Madrid, etc.

Miguel da Fonseca não é só um artista notabilissimo na sua especialidade, é tambem um honrado homem, um chefe de familia exemplar, um cidadão prestante que está sempre prompto a pôr o seu talento e o seu trabalho á disposição de todas as obras caridosas e humanitarias.

É por isso que ao seu peito brilha a medalha de prata, concedida ao merito por el-rei D. Luiz, é por isso que ao lado dos seus diplomas artisticos, das suas menções honrosas, da medalha de 1.^a classe que lhe conferiu o jury da Exposição de Paris de 1878, figuram os diplomas e os agradecimentos das sociedades de beneficencia de todas as terras que tem percorrido, e que deveram ao seu trabalho e ao seu talento e á sua nomeada beneficios rendosos.

Este distincto artista chegou ha poucas semanas a Lisboa, e o OCCIDENTE publicando-lhe o retrato faz conhecido dos seus leitores um artista portuguez notavel e honrado, que soube não só crear um nome festejado em Portugal, mas tambem fazel-o conhecido com louvor no estrangeiro.

G.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

O dia 26 foi destinado para visitas a museus, galerias publicas e particulares dos paços d'Ajuda, Necessidades, etc.

No dia 27 de manhã abriu-se a sessão sob a presidencia do sr. Romer.

Tomou a palavra o venerando sr. Henri Martin, que tantas provas então e depois deu da sua sympathia por este paiz. Falando na antiga ethnologia peninsular disse aquillo que por engano mencionamos na sessão passada e a que respondeu o sr. Adolpho Coelho.

Em seguida este moço professor do Curso Superior de Letras leu uma Nota sobre os cultos peninsulares anteriores ao dominio romano e que em resumo se encerra nas seguintes observações, devidas a apontamentos que obsequiosamente se dignou fornecer-nos.

As fontes para o estudo dos cultos dos habitantes da peninsula iberica anteriormente ao dominio romano são de duas especies: contemporaneas ou posteriores. Os monumentos sepulchraes, as estatuas, os signaes gravados nas pedras, nas rochas, e ainda outros productos artisticos ou industriaes, isto é, documentos archeologicos, são os testemunhos contemporaneos. As fontes posteriores são passagens dos escriptores gregos e latinos, inscripções latinas, os usos e crenças populares, os nomes de lugar que se referem á existencia de um monumento, de um bosque, de uma fonte sagrada, etc.

Do que os auctores gregos e latinos nos dizem acerca dos cultos ibericos parece poder concluir-se, que os povos que habitavam a peninsula tinham cultos diferentes: uns estavam na phase polytheistica; outros na phase fetichista. As danças celtibericas no plenilunio lembram as danças dos povos que tem o culto fetichista da lua que se acham principalmente na Africa. A suposição de que esse culto era dirigido *ignoto deo* (a um Deus desconhecido) resultava da incapacidade dos antigos de comprehendem as formas mais primitivas das crenças religiosas. É absolutamente impossivel admitir a existencia de uma religião espirituallista entre os povos ibericos. Nas antigas moedas ibericas a lua acha-se representada nas suas phases diversas e notou-se que em vasconço, lingua considerada com razão como representante das linguas pre-celticas da peninsula, *Jaungoika*, que significa Deus, é um composto, cujo sentido primitivo é o *senhor lua*; *goiko* lua, significava propriamente o de cima. O culto da lua liga-se ao culto ou ao terror dos mortos; as pedras do promontorio sacro de que fallava Artemidero citado por Strabão, ligam-se ao culto da morte. Os deuses que de noite, segundo elle, se reuniam, eram as almas dos findos. O culto polytheista que nos dão a conhecer os antigos e as inscripções, parece, pelo menos em grande parte, pertencer aos invasores celtas da peninsula; alguns dos nomes das divindades accusadas nas inscripções são evidentemente celticos; taes são *Bozmanicus*, *Taneobriga*. N'alguns dos nomes de deuses d'aspecto irregular como *Banduaetobrigus*, *Bandiaepolosegus* ha elementos que se explicam pelas linguas celticas, como *brigus*, forte, valeroso (irlandez *brig*), *segus*, victorioso, que vence, domina; os elementos *banduaeto*, *bandiae*, etc. devem pois tambem ser celticos comquanto a explicação seja difficil de dar. Ver em *bandea* com Fidel Fitu o irlandez *bandea*, deusa, é ir contra os principios mais solidamente assentes da historia das linguas celticas, como já indicou d'Arbois de Jubainville. O sr. Adolpho Coelho accrescentou que espera resolver ainda grande numero de difficuldades que offerecem esses nomes de deuses, tão importantes para a ethnologia peninsular.

Os factos archeologicos, o estudo da tradição popular, são um solido auxilio n'este difficil ramo de investigações, em que tantos tem naufragado. As estatuas de porcos, por exemplo, que se tem encontrado em diversos logares da peninsula (em Sabroso, segundo as informações do illustre explorador Martins Sarmento, em Bragança, em Murça, Segovia, etc.) devem ter origem celtica. É sabido o papel do porco no culto celtico e no culto indo-europeu em geral. Na Irlanda matam-se porcos pelo S. Martinho; O'Cormac diz no seu glossario que o porco é consagrado á divindade. Nós e os francezes temos o proverbio: cada porco tem o seu S. Martinho. Ha sem duvida aqui o vestigio de uma festa religiosa celtica pela epocha do S. Martinho.

O sr. Henri Martin fez algumas observações sobre esta

nota, referindo-se ao culto da lua e outras divindades nocturnas, nomeadamente entre os gaulezes.

O sr. Adolpho Coelho, respondendo, disse que alludira ao culto da lua e em geral das divindades nocturnas entre os povos arianos, pois sabia muito bem que o culto do sol figura tambem nos cultos perfeitamente fetichistas, o que não impede de distinguir estes dos cultos anthropomorphicos do sol e da lua.

O que dissera com relação ao culto fetichista iberico, baseava-se na existencia das danças pela lua cheia de que falla Strabão, danças que não julga existirem entre os indo-europeus.

O sr. Henri Martin disse ainda que talvez essas danças existissem entre os gaulezes, mas que se não recordava de factos comprovativos.

O sr. Vasconcellos Abreu pedindo a palavra corroborou as idéas do seu collega com relação ao culto do porco entre os povos arias, fazendo algumas observações interessantes.

O sr. barão de Baye, de cujos trabalhos já fallámos n'este mesmo artigo a pag. 94, do presente volume, apresentou alguns opusculos ao congresso devendo nós mencionar 1.^o *Os traços caracteristicos da epocha neolithica taes como estão reunidos nas estações da Champagne*, na qual o auctor recorda o interesse multiplo dos jazigos do valle do Petit-Morin, das grutas artificiaes tão ricas principalmente em sepulturas por inhumação, apresentando um mobiliario sepulchral escolhido, disposto com todo o cuidado. O illustre barão dá uma noticia dos principaes typos dos objectos encontrados nos jazigos que descreve, e que são interessantissimos.

2.^o *Indícios da transição da pedra polida á idade de bronze*. — Depois de algumas considerações geraes, diz o auctor haver encontrado na Champagne, em Oyes, grutas talhadas na greda com perfeição superior ás outras. Encerravam contos de collar de forma mais acabada, de arestas vivas e perforação mais exacta que nas outras sepulturas. Este grupo de cryptas está solitario, e em uma d'ellas encontraram-se algumas contos de bronze, e em outra, uma perola de callaite: o que é ainda um caracter de transição.

Outra sepultura existente a 2 myriametros de distancia, forneceu ao sr. de Baye fragmentos de lança, duas pequenas flechas de silix, uma lança concava de bronze. E mais perto do Sena, em outra sepultura, apenas havia bronzes.

Em seguida leu a sua communicação: *Os instrumentos de pedra na idade dos metaes*, na qual o auctor recorda muitos factos que haviam sido invocados como provas da persistencia da utilização dos metaes, resumindo as discussões a que tem dado lugar: Partilha a opinião dos que encaram estes factos por outro modo. Mostra que a presença dos silix, umas vezes é accidental, outras vezes apresentam vestigios de oxido de ferro, o que prova haverem estado á superficie do solo, antes de terem sido enterrados. N'uma sepultura franca em Ferbranges (Marne) o sr. de Baye encontrou um silix talhado entre o esqueleto e o nivel do solo. Ora a terra d'esta região abunda em instrumentos da epocha neolithica. Na necropole franca de Oyes, havia dois silix em contacto perfeito com o corpo, eram duas pedrneiras. E não é este instrumento um documento evidente da industria da pedra? Quanto aos silix melhor trabalhados que se encontram em identicas condições, diz o sr. de Baye, pertencem ao numero das provas de um facto verificado em toda a parte, que é o terem sido os silix objecto de uma grande attenção e de crenças supersticiosas, durante muito tempo depois da idade de pedra. Honve quem pretendesse, sustentando o contrario, abalar o facto da ancianidade do homem, mas o meio é proprio para atingir esse fim.

O sr. Mortillet, corroborando as idéas e conclusões do sr. barão de Baye, lembrou que o sr. Cartailiac já havia tratado o assumpto e discentido methodicamente esses e outros factos em um livro publicado tres annos antes.

(Continúa.)

R.

ERRATA

No nosso n.^o antecedente — art. Congressos pag. 142 col. 3.^a — lin. 21 onde se lê: *segura-se ás* — lê-se — *segura-se com as maos ás*.

Lin. 64 onde se lê: — *um phenomeno puro* — lê-se *um phenomeno pathologico puro*.

APONTAMENTOS PARA A VIDA DO DIABO

(Continuado do n.^o 81)

II

Ou quer, ou não quer. E' bom que nos entendamos, para evitar queixumes e choradeiras. Por muito agradavel que seja a qualquer escriptor desandar a sua maçadita, por mais doces encantos e intimos jubilos que elle sinta com essa honesta patuscada, não pôde, comtudo, obrigar os seus leitores a aturarem-o. Portanto, ó tu que me lêes, nobre ou plebeu, rico ou pobre, se te falta o appetite de saber como S. Miguel e o diabo se travaram de razões, se te não importas com essas coisas, se te enfadam essas lérias, se te aborrecem, tens o remedio na tua mão: volta folha, e procura outro artigo, ou atira com o jornal pela janella fóra. Á vontade. Faze de conta que é teu.

Anda, atira... força... Mas se acaso padeces fome canina das vidas alheias, e á falta de melhores petiscos até o diabo te serve, n'esse caso... regosijo-me e principio. Aguenta-te como poderes.

Á critica estudiosa do seculo passado, ligeira e sarcastica, succedeu a critica moderna, estudiosa e séria, que procura conhecer as origens do christianismo, e separar, pela analyse, os elementos que o constituem. Nem sempre esta critica é isempta de paixões e de preconceitos; algumas vezes mesmo chega a desviar-se do rigoroso methodo scientifico, e a precipitar as conclusões; comtudo, honra lhe seja, não usa da facecia, arma dos fracos, como instrumento demolidor; emprega no ataque e na defeza os factos e a logica. Se nem todas as suas victorias são duradoiras, e muitas são duvidosas, é porque a sciencia das religiões comparadas está ainda na infancia, e sem o auxilio d'ella a critica religiosa ha de necessariamente fraquejar muitas vezes. E essa é, talvez, a razão porque ultimamente se tem concedido ao hellenismo tão larga parte na formação do dogma, e da moral christã. Sem de modo algum pretender negar a influencia da philosophia grega na doutrina do christianismo, é para mim indubitavel que essa influencia se tem exagerado tanto, como tambem se exagerou a influencia do christianismo sobre o direito. Uma e outra são reaes e indiscutíveis, mas á força de as quererem demonstrar, os senhores criticos, estenderam-as desmesuradamente, salvo o erro.

O que sabemos das duas antigas religiões monotheistas, o mazdeismo¹ e o judaismo, é bastante para nos convencer, que os povos em que ellas dominaram, embora fossem muito inferiores em civilização aos gregos, eram-lhes, comtudo superiores em aptidões religiosas, como os romanos o eram na aptidão juridica. E assim como estes se opulentaram com a litteratura, a arte e as sciencias da Grecia, assim os gregos enriqueceram a sua methaphisica com as concepções religiosas da Persia e da Judea.

Professavam Platão e Socrates a unidade divina, e ainda a concepção religiosa da Grecia não havia subido, como a dos hebreus e dos persas, á unidade das causas para explicar a variedade dos phenomenos. Quer dizer, enquanto que allí, n'um povo cultissimo, só alguns espiritos mais levantados remontavam á esphera superior da causa primeira, aqui, um povo inteiro tinha — não, por certo, a plena comprehensão d'esse principio, mas, ao menos, a consagração d'elle na religião nacional. O que significa este facto, senão uma superioridade de aptidão em determinado sentido? Poder-nos-hão objectar, que sendo os persas e os gregos ambos de raça aryana, e os judeus de outra muito diferente, a semitica, é inexplicavel a egual aptidão dos primeiros e dos ultimos, sendo uns e outros de tão diversa origem, ao passo que se dá tamanha differença entre os persas e os gregos, que são da mesma raça! Effectivamente, o phenomeno é inexplicavel, mas a questão não está em o explicar, está em saber se elle na verdade existe; e desde que nos asseguremos da sua existencia não o podemos negar, a pretexto de que não sabemos explical-o. Lembrou-se acaso alguém de negar a luz, só porque não sabe dar a razão d'ella? Desde que um facto se apresenta á nossa evidencia, não temos outro remedio senão acceital-o; e quanto á sua explicação, deixemos que a sciencia, progredindo, chegue a estado de a poder patentear. Não são os gregos e os romanos tambem da mesma raça? e não ha n'estes uma enorme superioridade sobre aquelles, pelo que respeita á aptidão juridica? Não foram elles os primeiros, entre todas as nações do mundo, que assimi-

laram os povos conquistados, que os souberam incorporar no seu organismo social? Aqui temos outra grande differença de aptidão em povos da mesma origem; acaso será bastante a explical-a o modo porque se formou, no seu principio, a sociedade romana? E' essa, com effeito, a explicação que offerece a moderna sciencia historica; se não é verdadeira, é pelo menos plausivel; em todo o caso, dá-nos esperanza de que a mesma sciencia, continuando nas suas laboriosas investigações e descobertas, ainda virá a encontrar as causas de muitos phenomenos sociaes, completamente desconhecidos, e cuja ignorancia é um viveiro de theorias ephemerias, porque não tem base solida em que assentem.

O caracter profundamente espiritualista do christianismo está-nos denunciando que, na sua essencia, descende immediatamente de alguma das religiões monotheistas da antiguidade, embora na transformação contribuisse a philosophia para o desenvolvimento da sua forma externa.

Se recordarmos que os livros sagrados dos hebreus o ficaram sendo tambem dos christãos, fica manifesto de qual d'aquellas duas antigas religiões procede a nova.

Mas, um dos pontos em que mais se insiste, para demonstrar a influencia do hellenismo nas doutrinas christãs, é precisamente o de que nos occupamos. Diz-se que a crença nos demonios é um enxerto do grego, o qual os padres da egreja foram tirar dos livros de Platão; e tanto assim, accrescenta-se, que só no quarto seculo, segundo as melhores opiniões, é que foi instituida uma ordem sacerdotal, a dos exorcistas,² especialmente destinada a expulsar os demonios.

(Continua)

DELFIN D'ALMEIDA.

A GUERRA DO PACIFICO

(Conclusão)

As fabulosas indemnizações de guerra pesam medonhamente sobre a população; o commercio retrae os seus capitaes, as ruas estão invadidas pelos mendigos, na maioria chins e serranos.

Estes são quasi todos cegos, e a historia d'essa cegueira não deixa de ser curiosa e ao mesmo tempo medonha.

Nas proximidades de Lima, nas grandes serranias, ha uns logares onde os habitantes são quasi todos cegos. Essa cegueira provém d'um cactus, que abunda n'essas montanhas, um

² Mosheim, na sua Hist. Ecc. (tom. 1.º pag. 276 da trad. franc.) fallando da criação dos exorcistas exprime-se d'este modo:

«A instituição dos exorcistas foi uma consequencia das doutrinas neo-platonicas, adoptadas pelos christãos, os quaes ensinaram que os maus genios ou espiritos, voltavam incessantemente junto dos homens, para os quaes eram atrahidos por uma inclinação natural e invencivel: de forma, que o peccado não provinha tanto de uma depravação original, como da sedução de algum demonio.» Na nota 99 do mesmo vol. ainda insiste n'esta opinião.

Martigny, no Dic. das Antiquidades Christãs (verb. Exorcistas), afirma que não existira esta ordem nos primeiros tres seculos da egreja, e que o mais antigo exorcista de que faz menção a Hist. Ecc. é do seculo iv. A mesma asserção se encontra em Selvagio, no seu livro Antiquitatum Christianorum Institutiones, que diz assim: «E certo que nos principios do iv seculo foi adscripta particularmente a uma ordem a facultade de exorcismar, tanto na egreja latina, como na grega, (tom. 1.º pag. 245.)

«A ordenação e deveres dos exorcistas, continua o auctor que estamos traduzindo acha-se descripta no 4.º concilio cartaginense, can. 7.º, pela seguinte forma: No momento da ordenação o exorcista receberá da mão do bispo um livro em que se achem escriptos os exorcismos, e o bispo lhe dirá: Recebe, decora, e fica com o poder de impor as mãos sobre os energumenos, assim dos baptizados como dos cathecumenos.» (Ibid. pag. 246.)

Não terminaremos esta nota, apesar de já muito extensa, sem mencionar uma curiosidade relativa a Portugal. É certo que a ordem dos exorcistas foi introduzida em Hespanha nos fins do seculo iv, como se vê das instruções dadas pelo papa Siricio ás egrejas da provincia de Tarragona; na diocese de Braga porém, ainda no vi seculo não havia tal ordem (assim como não havia tambem as dos ostiarios e acolytos) como se deprehe de dos can. 10 e 20 do concilio effectuado n'aquella cidade no anno 561. (Veja-se Con. de Canones de S. Martinho.

cactus que dá uma fructa vermelha, muito saborosa, mas que tem as folhas todas cobertas de espinhos microscopicos que o vento arranca e que vão cegar os habitantes que teem a desgraça de morar nas visinhanças mais proximas d'essa terrivel planta, mil vezes peor do que a legendaria maucenilha, que no fim de tudo só é mortifera nos librettos d'opera.

Esses serranos, cegos, invalidados para o trabalho, descem em levas das suas serranias, e veem para Lima mendigar, tocando na flauta umas canções plangentes e tristes das suas terras, a troco de um magro obulo, que de dia para dia se vae tornando mais raro.

Em summa o espectáculo que nos apresentam as republicas do Pacifico, depois d'esta demorada e sangrenta guerra, é por toda a parte um espectáculo de desolação e de ruina, e Deus sabe quanto tempo levará o Peru para se levantar; mas cremos que será muito mais, infelizmente do que o Chili para cabir.

O porto de Callao, a primeira praça forte do Pacifico, está arrazado completamente. As suas colossaes fortalezas, até agora consideradas como inexpugnaveis, essas fortalezas de que dizia Philippe II de Hespanha, ao saber a somma fabulosa que tinham custado:

— Devem ser tão grandes, que se poderão ver com um oculo do Escorial. — foram destruidas até aos seus alicerces por ordem das autoridades chilenas.

A uma d'essas fortalezas, a mais importante de todas, a mais celebre nas guerras da independencia e nas guerras civis do Peru, a Real Philippe, está ligada uma lugubre historia pittoresca, que parece uma das dramaticas lendas da torre de Nesle, e é com ella que nós vamos fechar esta serie de artigos sobre a guerra do Pacifico.

A historia passa-se entre 1742 e 1816, no tempo em que Lima era a corte do vice-reinado.

Se foi durante o governo do vice-rei José Manso de Velasco, ou no de Manoel Amat y Junient, de D. Manoel Guivior, de D. Augustin Jauregui, de D. Theodoro Croix, de D. Francisco Jil, do marquez de Osorno ou no do marquez de Avilez, não o diz a chronica, que, contando minuciosamente a historia, calla discretamente o nome dos seus protogonistas, decerto por serem personagens de mais alta cathetoria; mas foi precisamente durante esse tempo.

Á cidade de Lima que então tinha um luxo e um fausto que podia competir com as mais brilhantes côrtes europeas, chegou por esse tempo um rapaz sevilhano, que ia á busca da fortuna, e cheio de aspirações de riqueza e de honrarias.

Galante, esbelto, atrevido, o aventureiro de Sevilha, apesar de pobre, conquistou rapidamente nomeada na corte pelas suas aventuras de amor, com as mais formosas damas da alta aristocracia, e pelas suas aventuras de espadachim, com aquelles que se queriam pôr no seu caminho. Uma noite, quando, depois do toque das Ave-Marias passeava sosinho na Plaza Mayor sentiu baterem-lhe no hombro.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:
De vinho abastado, de rasão minguido.

¹ O monotheismo de Zoroastro, ou antes da religião que tem o seu nome (zoroastrismo, mazdeismo) está demonstrado por duas ordens de provas, egualmente irrefutaveis: o Zend-Avesta primeiro, e depois d'elle as inscrições cuneiformes dos Acheménides. (Barthélemi Saint-Hilaire La relig. de Zoroastre, journal des Savants, 1878 pag. 343.)

Voltou-se e viu uma velha que lhe disse: «— Venho do mandado d'uma dama, de alta jerarchia, dizer-lhe que se é tão valente e decidido como galante, me espere amanhã aqui, a estas horas, n'este mesmo sitio, d'onde eu o levarei á sua presença, porque ella se interessa muito por si».

O joven sevilhano accitou logo a proposta, e no dia immediato, á hora combinada, encontrou-se com a velha que lhe poz logo como condição essencial para o levar onde lhe proposita, vender-lhe os olhos. Elle era valente, era audaz, consentiu; e quando tirou a venda achou-se n'uma casa riquissima, cheia de luz e de aromas.

Correram-se as cortinas d'uma porta e appareceu uma mulher vestida com uma elegancia opulenta, d'uma gentileza extraordinaria, mas com o rosto velado por uma mascara.

Dirigiu-se para o sevilhano extactico, fez-lhe uma ardente declaração d'amor, mas poz como condição irrevogavel ao seu amor e ás suas entrevistas, nunca tirar a mascara, nem elle procurar-lhe vêr o rosto.

O sevilhano accitou a condição e as entrevistas repetiram-se por longos mezes sem que a sua desconhecida tirasse nunca a mascara.

No dia immediato ao da primeira entrevista, o intrigado amante feliz recebeu a nomeação de guarda do vice-rei e um uniforme riquissimo, d'ali a pouco tempo a de capitão das guardas, depois a de governador do palacio, todas as honras, toda a riqueza que ambicionára.

Mas apesar de vêr realisado o seu sonho dourado, o joven sevilhano tinha uma grande preocupação justissima, o saber quem era a sua amante mysteriosa.

Tinha feito todas as indagações, sem resultado algum.

Por fim, uma noite em que havia baile no paço, antes de ir para elle foi á entrevista que tinha aprasado com a sua desconhecida. O quarto estava ás escuras, mas ao aproximar-se d'ella, as suas mãos tocaram-lhe no vestido e reconheceu que era um vestido de baile, um vestido de gala.

— Vaes ao baile hoje, disse-lhe, conheço-o pelo vestido; se te reconhecer entre as damas da côrte apertar-te-hei a mão para te mostrar que te advi-nhei.

— Não faças isso, respondeu ella, seria a tua desgraça.

Apegado á sua idéa porem, o sevilhano, fez, sem que ella desse por isso, uma cruz a lapis n'um dos pannos do vestido.

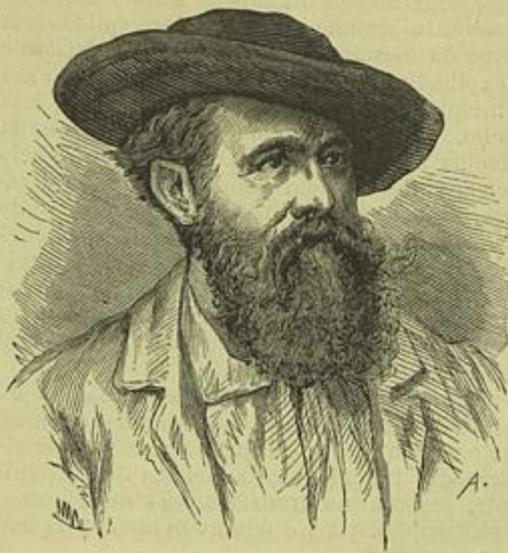
Depois foi para o baile.

No meio da noite tocou-lhe na contradança fazer uma figura com a vice-rainha, e ao dar a volta, pegando-lhe na mão, divisou no vestido a cruz a lapis que havia antes fizera no vestido da sua mysteriosa desconhecida.

No primeiro momento ficou estupefacto, mas voltando a si rapidamente, apertou a mão da vice-rainha, com forte pressão.

A vice-rainha impassivel, sem dar por isso, continuou a dançar sem sequer olhar para elle.

No fim do baile o sevilhano louco de alegria e de orgulho, ao saber-se amante da vice-rainha, passeiava sózinho pelas salas quando um official o chamou para lhe dar uma ordem do vice-rei. Ao chegar ao corredor saltaram sobre elle varios soldados da guarda real, maneataram-n'o amordaçaram-n'o, metteram-n'o, n'um coche e levaram-n'o á foraleza de Real Filipe onde foi entregue ao



DR. CREVAUX
EXPLORADOR DA AMERICA EQUATORIAL

commandante do forte e por elle mettido n'um carcere do castello, onde jazeu vinte annos, sem fallar com ninguem, nem vêr um raio de sol.

Tirado ao cabo de vinte annos do sepulchro, por um novo director do carcere, que fôra um companheiro d'infancia, o sevilhano tomou or-



O PRESTIDIGITADOR MIGUEL DA FONSECA
(Segundo uma photographia)

dens e consagrou o resto da sua vida á oração e a Deus.

Ricardo Terrozas, romancista boliviano fez d'esta historia um romance; Solaverry, poeta peruano, fez d'ella um drama e nós faremos d'elle o ponte final dos nossos artigos sobre a guerra do Pacifico.

G. L.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, por Francisco d'Almeida.—Editor livraria Zesferino, Rua dos Fanqueiros, 87 Lisboa.—Fasciculos 18 a 22 de 48 paginas in-folio cada um e illustrados de gravuras. O ultimo fasciculo publicado alcança a paginas 1056 e á palavra *Arcadius*. E' sem duvida o dicionario mais desenvolvido que se tem feito em lingua portugueza, e que justifica plenamente o seu titulo de *Universal*.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS: — *Introdução ás sciencias physico-naturaes*. — *Arithmetica pratica*, *Zoologia*, *Chorographia de Portugal*, *Physica elementar*; formando o n.º de 4 a 8 d'esta util e popular publicação, emprehendida e levada já até este ponto de execução pela empresa das *Horas Romanticas de David Corazzi*, rua da Atalaia 40 a 52, Lisboa.

Já com relação aos anteriores livrinhos d'esta colleção temos dito aquillo que nos tem suggerido a sua leitura. Feita á similhaça de uma colleção franceza do mesmo genero, sobrelava a esta, em parte, por uma melhor distribuição de materias, insistindo em pontos mais importantes dos diversos tratados similhantes, e que na franceza eram menos considerados. Póde-se verificar isto no tratadinho de *Geographia geral*, no de *Zoologia etc.* Os que são de todo originaes como a *Historia de Portugal*, e *Chorographia de Portugal*, parecem-nos muito bem executados. Não queremos dizer que sejam isentos de defeito, mas n'este genero de escriptos de vulgarisação, achamol-os dos menos incorrectos que temos visto. Releve-se-nos pois que, sem querer desmerecer em obra tão prestimosa, aventuremos duas observações importantes. Como estes livros se não fazem para quem sabe, mas sim para quem não sabe, não póde cursar as aulas, e não teve estudos regulares, é claro que os seus assumptos devem ser tratados de maneira e com tal linguagem, que por nenhuma intelligencia medianamente regular possam deixar de ser entendidos. Custa muito aos nossos homens de saber, abstrahirem da sua intelligencia e conhecimentos, collocarem-se na altura intellectual que tinham aos 7 ou 8 annos, e escreverem para serem entendidos por individuos de equal desinvolvimento intellectual. Todos devem nas suas relações quotidianas lidar com pessoas de ambos os sexos, por cuja intelligencia deveriam afferrir o modo de conduzir as suas explicações. E' este o defeito que achamos em alguns livrinhos, uma linguagem, um *geito*, permittase-nos a phrase, um tanto scientifico que torna inutil a boa intenção da empresa. A outra observação é quanto á impressão das gravuras. Estas intercallam-se no texto para explicação e melhor intelligencia d'elle, mas o que se explica e se fica entendendo pelas gravuras de pag. 36, 37, 52 e 53 do tratadinho de *Physica*, ou de pag. 27 e 53 da *Zoologia*, etc. Parece-nos pois da maior conveniencia melhorar este trabalho n'estes dois pontos mais, com o que lucrará a empresa e o publico.

JORNAL DE HORTICULTURA PRATICA, redactor Duarte de Oliveira Junior. —Editor José Marques Loureiro, Porto. Volume XII n.º 6, junho de 1881. Continua a publicar-se regularmente este periodico mensal, adornado de bonitas gravuras de plantas, e com artigos de muito interesse para os agricultores.

RELATORIO ACERCA DO SERVIÇO DE SOCCORROS A NAUFRAGOS NAS COSTAS DO CONTINENTE DO REINO E ILHAS ADJACENTES.—Apresentado ao ex.º sr. ministro e secretario de Estado dos negocios da marinha e ultramar, pela commissão nomeada por decreto de 20 de novembro de 1879, para estudar e propor a organização do mesmo serviço. — Lisboa, Imprensa Nacional 1881 — 93 paginas de 8.º com 8 estampas demonstrativas. É um estudo importante sobre o assumpto, em que se faz a analyse dos systemas usados no estrangeiro, para soccorro dos naufragos, e que muito honra a commissão que o elaborou.

COIMBRA MEDICA, revista quinzenal de medicina e cirurgia. — Director Dr. Augusto Rocha. —Editor José Diogo Pires. Coimbra 1881 n.º 10, 11 e 12 de maio a junho.

O INSTITUTO, revista scientifica e litteraria. — Volume XVIII 2.ª serie n.º 11. Maio de 1881. Coimbra Imprensa da Universidade. Inere a continuação de artigos a que já nos temos referido, e um discurso do sr. Alfredo C. da Cunha a proposito das festas da inauguração do monumento de Camões, ultimamente celebradas em Coimbra.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6